

se desenvolve em torno de um líder religioso carismático, que funda uma comunidade de eleitos, esperando um messias e mil anos de paz e prosperidade, um Reino de Deus na terra, o milenarismo. Segundo Jean Delumeau, um historiador da escola francesa, "há em geral uma ligação entre febres milenaristas e grupos sociais em crise."<sup>39</sup> Ao analisar a forma secularizada que o milenarismo tomou ao longo do processo histórico, este autor chega a citar o marxismo e outros movimentos libertários do século XIX, ocorridos na Europa, como uma espécie de milenarismo político.<sup>40</sup>

Na sociedade brasileira encontramos movimentos milenaristas desde o período colonial, como o mito da terra sem males, vivido pelos indígenas e registrado por diversos cronistas, denominando-os de santidade, a exemplo do Padre Fernão Cardim<sup>41</sup>. No século XIX podemos citar: o Movimento da Serra do Rodeador, em Pernambuco; o Movimento de Canudos, na Bahia; A Revolta dos Mückers, no Rio Grande do Sul. No século XX outros movimentos com caráter messiânico desenvolveram-se no país, por exemplo: a comunidade do Padre Cícero, no Ceará; a Guerra do Contestado, nos limites do Paraná e Santa Catarina; o movimento de Pau de Colher, na Bahia; a comunidade de Pedro Batista, também na Bahia; o movimento de Santa Dica, em Goiás e os Borboletas Azuis, na Paraíba. Os seguidores desses movimentos fundaram verdadeiras cidades santas, separadas do mundo, estabeleciam novas relações sociais pautadas em rigorosa ética religiosa, onde a igualdade e a justiça prevaleciam, enquanto aguardavam os mil anos de felicidade prometidos na tradição judaico-cristã. As fantasias quiliásticas, como dizia Engels, produziram nesses fiéis uma vigorosa resistência contra as autoridades constituídas tanto eclesiásticas quanto governamentais; as exceções apenas para o movimento de Pedro Batista que fez alianças políticas e não foi reprimido e os Borboletas Azuis que se desenvolveu em área urbana em Campina Grande, entre as décadas de 60 a 80 do século passado.

Segundo François Houtart, um neomarxista estudioso dos fenômenos religiosos, a religião "possui uma função simbólica de ruptura ou protesto social, o que pode ser evidentemente considerado como a outra face da ideologia."<sup>42</sup> Os milenarismos e os messianismos, que também ocorrem em tradições religiosas não cristãs, provam de forma clara, que em determinadas sociedades estratificadas, onde a sociedade civil não está satisfatoriamente organizada, ou há ausência de estruturas representativas de poder, a religião cumpre um papel de canal de expressão social e organização coletiva.